

## ESPIRITUALIDADE E IDENTIDADE FRANCISCANA

### Viver o Evangelho

«Depois que o Senhor me deu o cuidado dos irmãos, ninguém me ensinou o que devia fazer; mas o próprio Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho», assim escreve Francisco no seu *Testamento*, ao relembrar os inícios da sua Ordem.

Na Regra que deixou aos seus seguidores S. Francisco de Assis convida-os seguir o mesmo caminho por ele empreendido, fixando sempre os olhos no *Evangelho*. Assim, logo no início da Regra: “A Regra e Vida dos Irmãos menores é esta: observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem próprio e em castidade” (2 R 1,1). Também a Regra de Santa Clara repete literalmente. “A forma de Vida da Ordem das Irmãs Pobres, que S. Francisco instituiu é esta: ‘Observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus, vivendo em obediência, sem próprio e em castidade’” (RCI 1, 1-2). A Regra da Ordem Franciscana Secular insiste na mesma afirmação: “A Regra e vida dos Franciscanos Seculares é esta Observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo os exemplos de S. Francisco de Assis, que fez de Cristo o inspirador e centro da sua vida para com Deus e para com os homens” (ROFS n. 4).

Mas, para Francisco, o Evangelho não é um livro, mas a Palavra feita carne, é a *Pessoa* de Jesus Cristo. Antes de ser uma regra *moral a observar*, é vida, presença real de Jesus, é caminho de identificação a trilhar apaixonadamente. A vocação nele contida, antes de ser *forma de vida*, é *enamoramento, apaixonamento por Jesus*.

A partir deste “regresso em intensidade ao Evangelho”, S. Francisco configurou a sua vida e a “forma de vida” que propõe aos seus seguidores num conjunto de textos centrais que aparecem com mais frequência nos seus escritos:

- *Relatos de vocação e seguimento* (Mt 16, 24; 19, 16-29; Mc 10, 17-27; Lc 9, 1-6; 9, 23-29; 18, 13-27).
- *Relatos de missão* (Mc 8, 34-38; Mt 16, 24-28; Lc 9, 23-25; Jo 12, 25-26, 15,20)
- *Relatos das bem-aventuranças. E sermão da Montanha* (Mt 5, 1 – 7, 29; Lc 6, 20-26).

### Porque canta o pássaro?

*Encontro pessoal com Jesus Cristo*: - Tudo começa aqui. O franciscanismo não é, primariamente, uma *organização* ou *função*, mas um

*encontro pessoal*. Não um *meio* ou *instrumento*, mas uma *relação pessoal*. Primeiro que tudo, está o *enamoramento*. O próprio seguimento não é uma *função*, mas amor: configurar-se com Jesus... não por interesse, mas por amor, para ser parecido com o Amado. Por isso Francisco sentia que mesmo os primeiros companheiros não o tinham compreendido. A vida de pobreza dos primeiros tempos não era um *meio*, mas um *traço de amor*. A prioridade do enamoramento é essencial quer para a *vida de cada um*, quer para a compreensão do apostolado franciscano. O apostolado franciscano não é um *meio*, mas um *fruto*. Mesmo que não houvesse mundo nenhum a converter ou a santificar, Francisco seria sempre apóstolo. A boca fala do que vai no coração. Vem a propósito a historinha que ANTHONY DE MELLO oferece no seu livro “*O canto do pássaro*”. Depois de o mestre afirmar que Deus é *Incognoscível*, os discípulos perguntaram: “Então porque falas tanto sobre Ele?” O Mestre respondeu: “E porque canta o pássaro? O pássaro não canta porque tenha qualquer afirmação para fazer. Canta porque tem um canto no coração”. A acção de Francisco não foi idealizada em função das necessidades exteriores, mas brotou espontânea da música que tinha no coração.

Este enraizamento de tudo em Jesus – e não em coisas foras d’Ele – tem uma importância decisiva para a missão franciscana. Uma das expressões mais autênticas dela é o “*sermão às avezinhas*”. Ouçamos a “*Florinha XVI*”:

«Indo a caminho para uma pregação, vendo um bando de pássaros, Francisco disse aos companheiros: “Esperai aqui por mim, que eu vou pregar aos meus irmãozinhos pássaros.

Entrou no campo e começou a pregar aos pássaros que estavam no chão... E imediatamente os que estavam pelas árvores vieram onde a ele, e todos juntos permaneceram quietos. Até que Francisco acabou a pregação, e só depois que lhes lançou a bênção é que partiram (...) a substância da prática de S. Francisco foi esta:

“Avezinhas minhas irmãs, mui gratas deveis estar a Deus, e sempre e em todos os lugares o deveis louvar, porque vos concedeu um vestido dobrado e tresdobrado e porque conservou vossos pais na arca de Noé, a fim de que não acabasse no mundo a vossa espécie. E demais lhe deveis estar obrigados pelo ar, que vos destinou; além disso, vós não semeais nem recolheis, mas Deus vos nutre e vos dá os rios e as fontes para beberdes, e vos dá os montes e os vales para refúgio e as altas árvores para fazerdes ninhos; e conhecendo que vós não sabeis fiar nem coser, vos veste a vós e a vossos filhos. Grande é, pois, o amor que vos tem o Criador, que tantos benefícios vos faz, por isso, minhas irmãzinhas, guardai-vos do pecado da ingratidão, e esforçai-vos sempre por louvar a Deus.

Tendo o santo dito estas palavras todas aquelas aves começaram a abrir o bico, a estender o pescoço, a alargar as asas, e a inclinar, com reverência, a cabeça até ao chão, mostrando, com sinais e cantos, o muito prazer que lhes davam as palavras do Santo Padre. (...) Finalmente, concluída a pregação, fez sobre eles o sinal da cruz, e deu-lhes licença para se irem embora. E todos aqueles pássaros se levantaram no ar, soltando maravilhosos cantos, e se dividiram em quatro grupos segundo a cruz que S. Francisco tinha feito: um grupo voou para o Oriente, outro para o Ocidente, o terceiro para o Meio Dia, e o quarto para as partes do Aquilão, e cada bando seguia cantando maravilhosamente, com isto significando que, assim como S. Francisco, porta bandeira da cruz de Cristo, lhes tinha pregado e tinha sobre eles formado o sinal da cruz, segundo a qual se repartiram cantando pelas quatro partes do mundo, assim também a pregação da Cruz de Cristo, renovada por S. Francisco, se devia estender por meio dele e de seus frades a todo o mundo. E estes frades, à semelhança das aves, nada possuindo como coisa própria, deviam confiar a sua vida somente da Providência de Deus. Ao louvor de Cristo Amen». (*Fontes Franciscanas*, p. 1177).

É indispensável passar toda a vida franciscana por este conceito de *filho*: a pobreza, a menoridade, a fraternidade, a paz, o respeito pelo outro, a liberdade, etc., tudo. O episódio do julgamento no tribunal do bispo de Assis é tão importante para a identidade franciscana como o encontro com o Crucificado em S. Damião. O encanto de Francisco por Jesus não se fica na superfície, isto é, na história que Jesus viveu na Palestina há dois mil anos, mas, seguindo as linhas reveladas nessa história, sobe até ao mistério donde procedem; e é isso que dá perpetuidade ao franciscanismo; e o torna mensagem viva nos dias de hoje.

### **Notas de uma Espiritualidade para hoje**

Da experiência de S. Francisco, isto é, da sua vivência enamorada do mistério do Pai e de Cristo brotam as linhas da espiritualidade franciscana que, por serem evangélicas, não são apenas para os franciscanos:

- *Louvado Sejas, Meu Senhor - A gratidão*: Voltemos ao texto acima citado, onde Francisco descobre e enumera os motivos de gratidão na vida dos passarinhos. Fala do vestido dobrado e tresdobrado, isto é, de três ordens de roupa: por fora, uma, feita de penas coloridas para alardearem sua beleza; depois, outra, de penas mais fortes, para os proteger do frio; e ainda uma terceira, de penugem fina, como camisola interior, para que as penas grossas não lhes magoem a pele. Fala dos cuidados de Deus, por ocasião do dilúvio,

para que não desaparecesse a sua espécie; e dos rios e das fontes, onde podem beber; e das cearas, onde podem comer; e das árvores frondosas para esconderem os ninhos; e de todo o céu azul para voarem. E, a concluir, adverte: "minhas irmãs guardai-vos do pecado da ingratidão e esforçai-vos por sempre louvar a Deus". "Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos céus". O pobre em espírito é o homem agradecido, que não se considera construído por si mesmo, mas criado e sustentado pelo Pai. Que diferente seria a vida humana!... O cristão deveria ser assim. Iluminado de gratidão, para depois irradiar à sua volta.

*Viver sem próprio -Pobreza franciscana:* A própria pobreza franciscana nada tem a ver com "miséria" ou pequenez obrigada. Ser pobre é ser agradecido. É saber que existo porque Deus me ama. Sou um beijo permanente de Deus... "Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos céus". É viver nesta dinâmica do Reino, onde a felicidade não depende do *ter*, mas do *ser*. A felicidade de saber-se amado. Em casa do Pai.

Para o franciscano tudo é dom: Dom de Deus e dom dos homens... As coisas que se recebem não são esmolas nem conquistas, mas dons, prendas, presentes dados por Deus e também pelos homens. Mesmo quando retribuição do meu trabalho, meu trabalho não é servidão imposta pela necessidade de ganhar o pão de cada dia, nem obsessão de "ganhar", mas é um modo de participar da partilha de Deus e da sua Criação, é expressão da minha liberdade criativa e modo de contribuir para a felicidade dos homens. A minha própria existência é feita de amor.

No seu *Testamento* ordena aos seus irmãos que trabalhem, mas não pela ganância de acumular: "Eu trabalhava com minhas mãos e quero ainda trabalhar; e firmemente quero que os irmãos trabalhem em mister honesto, não pela cobiça de receber o preço do trabalho, mas para dar bom exemplo e repelir a ociosidade" (T 20-21). Hoje S. Francisco diria: "Não pela ganância do preço do trabalho, mas pela alegria de contribuir para a felicidade do mundo".

- *Ser irmão - Fraternidade franciscana:* Francisco vê na Encarnação do Verbo de Deus a raiz e fonte da nova relação entre os homens. Cristo veio-nos, finalmente mostrar como o Amor trinitário é gerador de laços e relações novos. Em Cristo, Deus torna-se nosso irmão: "Rodeava de um amor indizível a Mãe de Jesus por ter feito nosso irmão o Senhor de toda a majestade" (2 C 198). Mais, ainda: em S. Francisco a fraternidade tem um matiz maternal. Diz na *Regra Bulada*: "pois se a mãe ama e nutre com tanto amor a seu filho carnal, com quanto mais amor e solicitude não deve cada um amar e ajudar seu irmão espiritual" (2 R 6, 8). Isto revela algo que confirma de novo o nosso

pensamento: a primazia do *enamoramento* sobre a *função*. A dinâmica da fraternidade não é funcional e utilitarista, mas essencialmente *relação interpessoal...* de matiz amoroso. E esta forma de relacionamento não é reservada aos irmãos entre si, mas deve estender-se às outras pessoas e aos quatro cantos do mundo, abarca todos os homens, independentemente da sua raça ou religião.

Por outro lado, na espiritualidade franciscana, “irmão” não é um simples apelido, nem exprime um sentir afetivo dos religiosos uns com os outros, mas é um nervura estrutural que determina o ser do grupo e o modo que configurará todo o seu agir. A Fraternidade franciscana é uma experiência de comunhão de irmãos que querem viver, não uns ao lado dos outros, caminhando para o mesmo fim e ajudando-nos a atingi-lo, voltados uns para os outros para mutuamente nos amarmos, como o Senhor mandou e nos deu exemplo e mandamento. Uma das características essenciais do grupo franciscano é a igualdade que, em vez de anular as diferenças, as promove como enriquecimentos.

“*E sejam menores!*” – *Irmãos Menores*: pede S. Francisco aos seus irmãos:

«Foi ele, com efeito, quem fundou a Ordem dos Irmãos Menores e lhe conferiu esse nome nas circunstâncias que seguidamente se referem. Estavam para serem escritas na Regra as palavras “e sejam menores”, mas ao proferir estas palavras, naquela mesma hora, disse: “Quero que a nossa fraternidade se chame “dos irmãos menores”» (TOMÁS DE CELANO, *Vida Primeira* 38; cf. 1R 5,9-12).

Num tempo em que a sociedade estava hierarquicamente estratificada e as diferenças entre os “maiores” e os “menores” eram abissais e intransponíveis, francisco quis operar também uma “revolução” social a partir do Evangelho. Na verdade, esta “revolução” nasce da sua descoberta do Pai. Se deus é nosso Pai, não é só “Pai do Céu”, mas também Pai na terra, pai de todos os homens. Um Pai que faz de mim um *filho* (menor) e de todos nós *irmãos*. Daqui brotam as atitudes de confiança e dependência, o espírito de infância, o encanto e gratidão, a ternura e cortesia, a generosidade sem limite, a felicidade do coração, a alegria de viver para narrar e cantar as obras do Pai. Tudo isto constitui a pobreza franciscana, que não consiste só nem tanto na escassez de bens materiais, mas no conjunto destas virtudes.

E quando seus irmãos perguntaram ao pobrezinho de Assis o que deveria ser o “verdadeiro frade menor”, respondeu:

«Aquele que tiver a vida e as qualidades destes santos frades: a fé de Frei Bernardo, a simplicidade e a pureza de Frei Leão, a cortesia de Frei

Ângelo, o aspeto gracioso e o senso natural com a fala bonita e devota de Frei Masseu, a mente elevada em contemplação que Frei Egídio, a virtuosa e constante oração de Frei Rufino, a paciência de Frei Júnipero, o vigor corporal e espiritual de Frei João das Laudes, a caridade de Frei Rogério e a solicitude de Frei Lúcido» (*Espelho da Perfeição*, 85).

Isto é, a Fraternidade franciscana, longe de ser a congregação dos perfeitos ou seleção dos melhores, é a conjugação das diferenças, onde ser exaltam as diferenças e qualidades de cada um, e é destas que resulta a “fraternidade verdadeira”.

***Olhai as aves do céu! - Ser peregrino e hóspede:*** Existir é ser hóspede, hóspede da divina Providência e da amizade dos homens. Não é uma fantasia. Francisco gosta de citar estes passos do Evangelho: “Não vos inquieteis com o dia de amanhã... com o que haveis de comer.... “Com o que haveis de vestir...”, “Olhai as avezinhas do céu...”, “Olhai os lírios do campo...” (Mt 6, 25-34; Lc 12, 22-31). “As raposas têm tocas, as aves do céu têm ninhos... o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9, 58). A mesma doutrina em S. Francisco. Logo no princípio da *Regra Bulada*: “Vivendo em obediência, *sem próprio* e em castidade”. Não diz “vivendo em pobreza”, como era costume, mas “*sem próprio*”, sem se apropriar do que não nos pertence, nem querer ser donos daquilo que é de Deus. E no cap. 6 da *Regra*: “Os irmãos nada tenham de seu, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma, mas como peregrinos e estrangeiros, vão pelo mundo servindo a Deus em pobreza e humildade...”. E mais explicitamente no *Testamento*: “Acautelem-se os irmãos de receber igrejas, pobrezinhas moradas, ou qualquer outra coisa que para eles seja edificada, se não forem conformes à santa pobreza. *Hospedem-se nelas* como peregrinos e estrangeiros... (T 24). Este conceito de ser hóspede é lindo; é sentir-se dependente da bondade hospitaleira dos benfeitores e ver esta bondade em todo o relacionamento entre os homens.

***O Cântico das Criaturas ou a verdadeira ecologia:*** “As irmãs aves louvam o seu Criador. Ponhamo-nos no meio delas e cantemos também nós ao Senhor” (LM 8,9). Esta frase manifesta bem a atitude de Francisco perante as criaturas: põe-se “no meio delas”, como mais uma, para entoar com elas um único cântico e louvar a Deus em uníssono com elas. Não utiliza a natureza como senhor despótico, nem reflexiona sobre ela como profundo teórico. Reconhece que “todas as criaturas que há debaixo do céu, cada uma delas a seu modo, serve e reconhece e obedece ao seu Criador” (Ex 5,2). Por isso não se põe simplesmente ao lado delas, e menos ainda por cima delas, mas no meio delas. Sentindo-se um elemento dessa grande família cósmica, Francisco fala com elas, comunica-

lhês os seus sentimentos (1C 58) e une-se afetuosamente à sua bela sinfonia de louvor. Também pede aos irmãos que façam coro com o louvor da criação e convidem toda a gente a unir-se a esse cântico: “Que são, com efeito, os servos de Deus senão uns jograis que devem mover os corações a fim de os encaminharem para as alegrias do espírito?” (LP 83).

A sua perspectiva é teocêntrica, pois todas as criaturas, animadas e inanimadas, são para ele um dom que Deus confiou ao homem. E ama-as pelo “amor que acima de tudo dedica ao Criador” (3C 36). Nelas e com elas louva o “omnipotente, santíssimo e supremo Deus, Pai santo e justo, Senhor do céu e da terra” (1R 23,1). Para ele, a criação está incluída dentro do plano divino da salvação. Com efeito, todas as coisas foram criadas em Cristo, e é em Cristo que têm a sua consistência. Também Francisco trazia sempre “Jesus no coração, Jesus nos lábios, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus sempre presente em todos os seus membros (1C 115). A dimensão transcendente do Criador move-o ao respeito e à colaboração, pois, como diz o Papa Francisco, “somos chamados a ser instrumentos de Deus Pai para que o nosso planeta seja o que ele sonhou ao criá-lo e corresponda ao seu projeto de paz, de beleza e de plenitude” (55).

Francisco de Assis admira a natureza, mas a sua admiração não se reduz a um sentimentalismo poético e vazio de sentido. Quando canta a beleza da criação, sabe apreciar o simbolismo expresso pelas criaturas, mas sobretudo o valor das mesmas, porque em cada uma ele percebe a presença viva do Criador: “Em todas as criaturas reconhecia, amava e louvava Aquele que as tinha feito” (Lm 3,6). O *Poverello* não se serve egoisticamente das criaturas, mas também não se deixa apanhar por elas, pois reconhece que tudo é expressão do amor divino e lhe está subordinado. Também não cai em nenhum tipo de panteísmo. Fala das criaturas para se referir ao Criador, e a todas dirige o convite de se unirem a ele num único cântico de louvor: “Começou a exortar com todo o empenho a todas as aves, a todos os animais e a todos os répteis, e até mesmo a todas as criaturas insensíveis, a que louvassem e amassem o Criador”.

O Papa Francisco quis, oito séculos depois, lembrar o *Cântico das Criaturas* de S. Francisco, na sua *Laudato Si'*. Mas quis, sobretudo, em tempos de dramática preocupação com o futuro do Planeta e da Humanidade, recordar a visão profética de S. Francisco que tratava todas as criaturas por “irmãs”. O primeiro requisito da “verdadeira” ecologia proposta por ambos os Franciscos é a conversão espiritual: “A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais aos problemas que vão aparecendo devido à degradação do ambiente, ao esgotamento das reservas naturais e à contaminação. Deveria ser, além disso, outra forma de ver, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que ofereçam forte resistência ao avanço do paradigma tecnocrático” (*Laudato*

Si' 111). A segunda nota, é assim exposta pelo Papa: “Em Francisco pode-se verificar até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o compromisso com a sociedade e a paz interior” (*Ibid.* 10).

Desde que saboreou o Sumo Bem que é Deus, Francisco vê tudo do ponto de vista de Deus, e em Deus abraça todos os seres como irmãos. Por isso, mais do que uma ética que fale de obrigações e deveres, Francisco apresenta uma mística, uma espiritualidade ecológica, um modo holístico de se sentir em comunhão de vida com todas as criaturas. O centro deixou de ser o seu próprio “eu” e passou a ser o Altíssimo. Sem essa transformação interior e integral não teria sido possível a sua tão saudável relação com todas as criaturas nem o profundo humanismo que o caracteriza. Uma vez experimentado o amor divino, abandona toda a pretensão de domínio utilitarista, sente-se gozosamente em harmonia com a criação, e é unido a ela que louva o “omnipotente e bom Senhor”. Muito antes do Vaticano II, Francisco de Assis já tinha compreendido que “a criatura sem o Criador desaparece” (GS 36).

Não obstante a centralidade teológica de toda a espiritualidade de S. Francisco, ele continua a inspirar o nosso mundo, inclusive os pensadores não “religiosos”. Apesar deste laicismo militante, Francisco de Assis continua a ser reconhecido universalmente como modelo inspirador para todos os que procuram viver em relação harmónica com todas as criaturas. “Não são apenas os cristãos que o apreciam, mas também muitos outros crentes e até mesmo pessoas que sem professarem nenhuma religião, se reconhecem nos seus ideais de justiça, de reconciliação e de paz” (João Paulo II). A revista *Time Magazine*, em 1992, declarou-o como um dos homens mais influentes do segundo milénio. O Papa Francisco afirma que o pobrezinho de Assis “o santo patrono de todos os que estudam e trabalham em torno da ecologia, é amado também por muitos que nem sequer são cristãos” (*ibid.* 10). O filósofo Max Scheler define-o como “um dos maiores escultores da alma e do espírito na história da Europa”:

“Na história do Ocidente nunca mais voltou a conseguir-se uma expressão das potencialidades mais simpáticas da alma como a que se verificou em São Francisco. Nunca mais também se conseguiu uma repercussão tão profunda dessas potencialidades na religião, na erótica, na ação social, na arte e na ciência” [...]. “E consegue mesmo transmitir a outros o sentimento especificamente cristão do amor a Deus como Pai, ao próximo como irmão, e até a toda a natureza infra-humana” (M. SCHELER, *Esencia y formas de la simpatía*, Buenos Aires 1957, 119-119 e 125).

Lynn White, muitas vezes citado por acusar a ideologia judeo-cristã de ter provocado a crise ecológica, reconhece que Francisco de Assis é uma exceção e exemplo para a humanidade inteira, pois conseguiu viver em estreita relação de irmão com todos os seres. Sem essas relações afetuosas e profundas – acrescenta



o autor – não será possível superar a crise ecológica, e por isso propõe Francisco como “patrono dos ecólogos”:

“O maior revolucionário espiritual da história do Ocidente, São Francisco, propôs uma coisa que no seu entender era uma visão alternativa da natureza e da sua relação com o ser humano: tentou substituir a ideia da autoridade ilimitada do homem sobre a criação por uma ideia de igualdade entre todas as criaturas, incluindo o próprio homem” (L. WHITE, *Las raíces históricas...*, 86).

Acolhendo um consenso generalizado, João Paulo II declarou em 1979 Francisco de Assis patrono dos ecologistas (*oecologicae cultorum*, Bula *Inter Sanctos*, 29-09-1979) e louvou o seu olhar contemplativo, próprio de “quem não pretende apoderar-se da realidade, mas acolhe como um dom, descobrindo em cada ser o reflexo do Criador, e em cada pessoa a sua imagem viva” (EV 83).

“São Francisco de Assis oferece aos cristãos o exemplo dum respeito autêntico e profundo pela integridade da criação. Amigo dos pobres, amado pelas criaturas de Deus, convidou todos os seres – animais, plantas, forças naturais, inclusivamente o irmão Sol e a irmã Lua – a honrarem e louvarem o Senhor. O pobre de Assis dá-nos o testemunho de que estando em paz com Deus podemos dedicar-nos melhor a construir a paz com toda a criação, que é inseparável da paz entre os povos” (23 JMP 16).

*A perfeita alegria ou a Alegria que voa:* “E todos aqueles pássaros se levantaram... cantando maravilhosamente”. O enamoramento por Jesus e a gratidão para com o Pai produziam no coração de Francisco uma incontível capacidade de encanto que o fazia ver beleza em todas as coisas. Admirável a frequência com que Francisco vê Jesus nas criaturas e objectos, mesmo nos mais distantes de tal simbolismo. Essa alegria torna os passarinhos comunicativos. Alegria vem do adjectivo “*alacris*”, alegre, e “*alacris*” vem do substantivo “*ala*” que significa *asa*. Alegria é um sentimento que faz voar. Os pássaros voaram para os quatro pontos cardeais. Também os franciscanos deveriam voar. Também os homens deveriam voar, não para explorar os recursos económicos de cada continente, mas para levar a todos os povos e raças a felicidade de serem amados. Que linda globalização!...

**Cântico das Criaturas**  
**Cântico do Irmão Sol**

*Altíssimo, onnipotente, bom Senhor,  
a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.  
A ti só, Altíssimo, se hão de prestar  
e nenhum homem é digno de te nomear.  
Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,  
Especialmente, o meu senhor irmão Sol, o qual faz o dia e por ele nos  
alumia.  
E ele é belo e radiante, com grande esplendor:  
de Ti, Altíssimo, ele é imagem.  
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua  
e as estrelas:  
no céu as acendeste, claras, preciosas e belas.  
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento,  
pelo ar, pelo céu nublado ou limpo, por todo o tempo,  
pelo qual dás às tuas criaturas o sustento.  
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água,  
que é tão útil, humilde, preciosa e casta.  
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,  
pelo qual iluminas a noite: ele é belo, jucundo, robusto e forte.  
Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a terra-mãe,  
que nos sustenta e governa, e produz variados frutos,  
com flores coloridas e verdura.  
Louvado sejas, meu Senhor, pelos que por teu amor perdoam  
e suportam enfermidades e tribulações.  
Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz,  
pois por Ti, altíssimo, serão coroados.  
Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a morte corporal,  
à qual nenhum ser vivo pode escapar.  
Ai daqueles que morram em pecado mortal!  
Ditosos os que cumpriram a tua santíssima vontade,  
porque a segunda morte não lhes fará mal.  
Louvai e bendizei ao meu Senhor,  
dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.*